

**MACHADO DE ASSIS:  
A COMPLEXIDADE DE UM CLÁSSICO.**  
Organização de Sonia Netto Salomão.  
Roma: Sapienza Università Editrice, 2024  
430 páginas, ISBN: 978-88-9377-350-8

Há tempos, a obra de Joaquim Maria Machado de Assis ocupa, de fato e de direito, o lugar central no universo literário brasileiro. Mas, também por causa do tempo – sempre ele, a prova dos nove que, ao lado de recorrente leitura, atesta a perenidade de qualquer obra na tradição –, o crescente interesse pelo autor brasileiro continua – e não sem fazer algum barulho – a extrapolar as imprecisas fronteiras culturais do Brasil, graças, é certo, sobretudo aos constantes esforços – às vezes solitários, outras vezes solidários – de leitores e críticos, tanto os daqui quanto os de lá. Desse modo, um exemplo emblemático de tal esforço conjunto pode, sem dúvida, ser creditado à recente publicação, pela editora da Sapienza Università di Roma, de *Machado de Assis: a complexidade de um clássico* (2024), organizado por Sonia Netto Salomão, professora catedrática da Sapienza. E o melhor da notícia é que o livro pode ser acessado gratuitamente por leitores de todos os lugares em: <https://www.editricesa-pienza.it/book/9985>.

De saída, no entanto, convém informar que esta nova coletânea é, na verdade, o resultado acadêmico do *Seminário Internacional Machado de Assis*, realizado em outubro de 2023,

também em Roma, e que contou com a presença de estudiosos e estudiosas de vinte e cinco universidades brasileiras, europeias (Itália, Portugal, Espanha, Inglaterra, França, Alemanha) e americanas. Como explica a organizadora, “o seminário e o livro tiveram como objetivo principal valorizar a inserção internacional do escritor carioca a partir da complexidade dos aspectos técnico-estruturais da sua obra e da relação crítica que o autor desenvolveu com diversas esferas culturais”. Nessa perspectiva, é preciso louvar de antemão a importância desse duplo esforço solidário, sobretudo pelo livro em si, que, por óbvio, não somente contribuirá, e muito, para a internacionalização das obras do autor brasileiro, como também, e desde já, deverá entrar pela porta da frente, na bibliografia machadiana.

Ao fim e ao cabo, os diálogos críticos entre os machadianos e os não machadianos acabaram por se transformar em animada conversa, que se traduziu numa abrangente e refinada visada sobre alguns dos mais importantes aspectos temático-formais da obra de Machado de Assis. Para ilustrar a pluralidade de assuntos tratados, basta mencionar os títulos dos *blocos temáticos* que compõem o livro: 1) *Aspectos da poética machadiana*; 2) *A perspectiva da literatura comparada*; 3) *Crônica, poesia, teatro, crítica, correspondência*; 4) *Temas identitários: a escravidão, a questão feminina*; 5) *A língua literária de Machado de Assis*; 6) *Machado editor*

e editado; 7) *A tradução*; 8) *Escritores em intertexto: depoimentos*. Ou seja, é ao longo de tais *blocos temáticos* que se distribuem os 32 ensaios, que, por serem relativamente curtos, trazem em si a vantagem adicional de irem direto ao ponto. No entanto, dado as inerentes limitações formais que circunscrevem a natureza desta resenha, far-se-á aqui, a despeito da evidente qualidade do conjunto, somente uma breve visada sobre alguns dos ensaios; ainda assim, espera-se que ao menos possam delinear para os leitores interessados na obra machadiana o espírito crítico que permeia o livro.

David Jackson, em *Mad Machado: do humano à loucura*, desenvolve o argumento de que há, na obra do brasileiro, “um caminho para a loucura, preparado e introduzido pelo humor do cômico fantástico”. Ainda para o crítico norte-americano, tal trajetória “pode ser observada e definida pelo experimentalismo ficcional, pela decomposição dos seres e das experiências pela força do seu pessimismo”. Exemplificando tal “método” com trechos de romances e contos, Jackson conclui que “Machado emprega o humor do mágico e do fantástico para pôr em dúvida a natureza da verossimilhança e do juízo”, uma vez que, “a loucura, [...], qualquer que seja [...] entra na casa de qualquer um”.

Por sua vez, Sandra Guardini, em *Machado de Assis, teórico do romance*, partindo das reflexões críticas do autor entre as décadas de 1850 e 1870, notadamente na análise acurada de outros

autores, passa em revista a produção romanesca machadiana para mostrar, em movimento teórico ascendente sobre a própria natureza do romance, como “Machado cria uma galeria memorável de personagens e, por meio do foco narrativo, seja em primeira, seja em terceira pessoa, alia o domínio extraordinário da análise psicológica à criação de narradores, também eles notáveis”.

Giorgio de Marchis, em *El punto ciego de Machado de Assis*, lança mão do conceito de *ponto cego*, do crítico espanhol Javier Cercas – e que seria “constituído por ficções, em cujo centro há sempre uma pergunta que fica sem resposta” – para apresentar a leitura do último romance, *Memorial de Aires*, considerando-o “um romance exemplar tanto da técnica do ponto cego como da consciência machadiana do ponto cego”. Para o crítico italiano, “são inúmeras as indicações espalhadas ao longo do romance que indicam que, para além [da] calma aparente, há dados essenciais que o autor escamoteia e que dizem respeito aos reais interesses e desejos de suas personagens”.

Audrey Ludmilla do Nascimento Miasso, em *O poeta da maturidade: Machado de Assis e as Poesias completas*, apresenta uma leitura sobre o processo de reorganização de sua obra poética no derradeiro volume, que, acima de tudo, se queria como a unificação de sua *bagagem poética*. Nesse sentido, a pesquisadora, notadamente em relação aos primeiros livros, discute acurada-

mente os critérios que, inclusive, levaram Machado de Assis a “sacrificar” vários poemas da edição final.

José Luís Jobim, em *Reverendo Ins-tinto de nacionalidade*, discute o recente movimento de inclusão do famoso ensaio machadiano, publicado em 1873 no jornal *O Novo Mundo*, editado em português entre 1870-1879 nos Estados Unidos, no universo da chamada *World Literature*. Para Jobim, o argumento machadiano – “que alega não ser necessário, para ser legitimamente um escritor nacional (brasileiro, português, italiano etc.), que se sigam os moldes da cor local, que se trate dos assuntos e das coisas *nacionais*, pois se pode ser *nacional* mesmo tratando de coisas *estrangeiras*” – algo atualiza e ressignifica o ensaio machadiano, colocando-o em franco diálogo com as preocupações teóricas da *World Literature*.

A temática da escravidão comparece no livro em dois interessantes ensaios que, cada um a seu modo, contribuem para desmistificar a suposta fama absenteeísta de Machado de Assis em relação ao tema. Assim, João Roberto Faria, em *Teatro e escravidão sob a ótica de Machado de Assis*, mostra que no recorrente exercício de crítica teatral, tanto na revista *O Espelho* quanto no jornal *Diário de Rio de Janeiro*, Machado “deu forte apoio ao repertório dramático empenhado em fazer a crítica da escravidão”. Nesse sentido, Faria passa em revista “dez peças teatrais que, num período de dez

anos, abordaram a questão da escravidão, algumas vezes com bastante veemência”, observando que Machado, como crítico algo comprometido com a causa, “elogiou até mesmo as mais fracas. Enaltecendo as ideias humanitárias expostas em cena, mas sem deixar de fazer restrições de ordem estética”. Já Rita Olivieri-Godet, em *De “interesse legal”: a escravidão em contos e crônicas de Machado de Assis*, lança um olhar sobre a obra do autor para examinar o seu posicionamento em relação à ideologia escravocrata, e mais notadamente na breve leitura de “Pai contra mãe”. Para Olivieri-Godet, neste conto, “Machado expõe as relações entre os senhores de escravos, os homens livres e os escravos, captando a violência da sociedade escravocrata do Brasil Imperial e as leis que a legitimam”.

Sonia Netto Salomão, em *Uma poética zigue-zague: a língua literária de Machado de Assis e a sua voz popular (ditados, pregões, canções)*, como sugere o título, procura estabelecer, a partir do que denomina de “poética zigue-zague”, a relação de “contraponto da voz popular na polifonia discursiva dos textos machadianos”. Para a autora, “Machado de Assis, em que pese ter utilizado nas suas obras citações cultas, aproveitando aspectos filosóficos sobre os quais refletiu muito, também afunda as suas raízes linguísticas na cultura popular do Rio de Janeiro, que era também sua”. Dessa forma, assinala que, na obra

machadiana, também “abundam os ditados populares, as anedotas contadas como síntese moral, criando aquele tom dialogante [...] e consagrando a fala do Rio de Janeiro usada com naturalidade pela gente comum”.

Lúcia Granja, em *Machado de Assis, editor de Memórias póstumas de Brás Cubas*, acrescenta uma faceta nova à complexidade do escritor, isto é, a de editor de si mesmo. Nesse sentido, explicita os casos da publicação de *Helena* e, sobretudo, o das *Memórias póstumas*, pois, segundo a crítica, “Machado de Assis, além de ter publicado por seus próprios meios algumas de suas obras, funcionou com um estrategista da preparação de seus livros junto a editoras nacionais, aí incluso o objetivo de buscar caminhos internacionais”.

Já Hélio de Seixas Guimarães, em *Notas sobre a pontuação em Machado de Assis*, aproveitando-se da recente experiência de editar Machado de Assis, discorre sobre os problemas de pontuação dos textos machadianos, que “frequentemente diverge do que está prescrito pela gramática normativa atual, o que põe o editor do seu texto diante de decisões difíceis”. Para Guimarães, “a edição do conjunto dos livros mostrou que a pontuação em Machado de Assis segue muitas vezes princípios retóricos em detrimento de princípios lógico-gramaticais, motivo pelo qual frequentemente seu texto acabou modificado pelas edições póstumas”.

No que se refere à tradução da obra machadiana, Antonio Maura, em *Machado de Assis nos países de língua espanhola: recepção e traduções*, traça um breve painel dos caminhos percorridos pelas obras machadianas em língua espanhola. Segundo o crítico, a despeito de as primeiras traduções terem sido realizadas quando o autor ainda estava vivo, a divulgação da obra do brasileiro, no entanto, tem sido incompleta e algo descontínua, mesmo diante do recorrente reconhecimento de sua qualidade estética por parte dos grandes autores da literatura em língua espanhola.

Por fim, o livro é rematado com os depoimentos de três autores contemporâneos, e membros da Academia Brasileira de Letras, que, por sua vez, dialogaram com a obra machadiana na realização de suas obras ficcionais. Ana Maria Machado, em *Machado em contradição*, ao relatar a gênese de *A audácia dessa mulher* (2011), explica, por exemplo, como incorporou ao trecho de seu romance “algo do universo de *Dom Casmurro*”, incluindo a própria Capitu, que, na imaginação da autora, é convertida na velhice em “dona de uma pensão na Suíça”; Domício Proença Filho, em *Capitu, Memórias póstumas* [1998] – *Bastidores do texto*, reafirma ainda mais a força literária da personagem machadiana, que, seguindo o exemplo daquele famoso *defunto-autor*, narra suas próprias *Memórias póstumas* tentando preencher algumas lacunas que ajudem

o leitor a “decifrar o *enigma Bentinho*”, ao mesmo tempo que “destrói os argumentos de acusação apresentados pelo ex-marido”; por fim, João Almino, em *Conselheiro Aires como Homem de Papel* [2022], ressuscita o dileto Conselheiro Aires, diplomata sempre conciliador, para narrar com alguma perplexidade as impressões sobre o que vê enquanto perambula por diferentes tempos históricos do país, inclusive, os atuais, e todos, cada um a seu modo, marcados por uma generalizada regressão político-social.

Em suma, se, num poema famoso, Carlos Drummond de Andrade surpreende o leitor incauto (ou ingênuo?), questionando-o com velada ironia – *sem interesse pela resposta* – se trouxera consigo a *chave* para decifrá-lo, no caso particular deste livro, dado o caráter abrangente de gêneros e temas abordados, os autores e autoras, ao contrário da provocação preventiva do poeta mineiro, oferecem de antemão a todos os leitores, críticos ou não, as *chaves* que abrem novas portas para um melhor entendimento do fazer literário de Machado de Assis, algumas reafirmam leituras consolidadas, outras apresentam novos olhares. Cabe, pois, a quem quiser se arriscar a ser surpreendido por este convite à leitura, a não fazer qualquer cerimônia e apenas entrar – sem bater – na *complexidade de um clássico* brasileiro.

Wilton José Marques

<https://orcid.org/0000-0003-2559-9331>

#### **A COR DOS CABELOS DE DEUS.**

#### **A OFICINA DE ESCRITA**

#### **DE JOSÉ SARAMAGO.**

Sara Grünhagen.

Lisboa: Fundação José Saramago, 2023.

592 páginas, ISBN 978-989-35307-1-9

Publicado em 2023 pela Fundação José Saramago, *A cor dos cabelos de Deus. A oficina de escrita de José Saramago*, de Sara Grünhagen é um cuidadoso estudo da obra saramaguiana. A publicação apresenta o texto da tese de doutoramento da autora, realizada em cotutela na Sorbonne Nouvelle e Universidade de Coimbra, sob as orientações de Olinda Kleiman e Carlos Reis.

O livro divide-se em três grandes partes: “A arca de José Saramago n’O ano da morte de Ricardo Reis”; “A Babel d’O evangelho segundo Jesus Cristo” e “Fronteiras borradas: metalepse e estilo”. Fica claro ao leitor, já de início, nas palavras introdutórias da autora que “Três conceitos principais da narratologia são convocados para esta análise da obra de Saramago: a intertextualidade, a intermedialidade e a metalepse” (p. 25). A partir desses três fios de Ariadne, Sara Grünhagen desenvolve um texto que flui pela obra de José Saramago e estabelece durante todo o percurso relações importantes e *sui generis* com a filosofia, a história, as artes e compõe um estudo de extrema relevância na compreensão da obra de um dos mais importantes escritores do século XX. A ideia da “oficina de escrita” se distribui pelas três partes do